

## COIMBRA

## ESENfC faz limpeza do rio Mondego



A Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENfC) celebra amanhã o Dia Mundial do Ambiente com a 4ª edição do "Mondego limpo tem mais encanto", uma iniciativa de voluntariado ambiental que terá início pelas 9h30 e se prolonga até às 12h30 com várias atividades, promovidas por voluntários da ESENfC, com a colaboração de outros cidadãos e parceiros institucionais.

A ideia é fazer uma ação de limpeza do Mondego, «onde sempre se acumulam plásticos, garrafas de vidro, máscaras e outros desperdícios».

Para isso, está marcado encontro no Coimbra Stand Up Paddle /Centro Náutico (margem esquerda), para uma iniciativa que inclui também animação, como é o caso, pelas 10h00, dos ritmos afro-latinos, trazidos pela Tribo da Dança do Centro Norton de Matos. Segue-se a limpeza, a pé ou em prancha de paddle, das margens e do leito do rio.

Durante a dia, haverá outras atividades paralelas, como uma ação para "Promoção de uma exposição solar segura", dinamizada pelo projeto des.Liga - Departamento de Educação para a Saúde da Liga Portuguesa contra o Cancro. No Museu da Água de Coimbra, às 11h00, haverá jogos tradicionais portugueses e brasileiros, dirigidos a crianças, com animação da equipa educativa da Recortar Palavras e do músico Alex Lima.

A iniciativa "Mondego limpo tem mais encanto" é promovida pelo Gabinete de Apoio ao Voluntariado da ESENfC, a Escola Universitária Vasco da Gama, o clube Coimbra Stand Up Paddle, a Tribo da Dança, o projeto des.Liga, a empresa municipal Águas de Coimbra e a Associação de Estudantes da ESENfC.

A participação no evento é gratuita, sendo necessária inscrição (no formulário online disponível em <https://forms.gle/EaKn9fTbpUi3KWL3A>).

# Falta resposta para aumento da procura nos Bancos de Gâmetas

**Fertilidade** Margarida Silvestre defende campanhas para sensibilizar para a doação de óvulos e espermatozoides. O problema não está apenas na diminuição dos dadores, mas no aumento da procura

Margarida Alvarinhas

As mudanças na sociedade, com o desenvolvimento de novos modelos de família, a parentalidade tardia, o aumento da infertilidade ou a menopausa precoce são fatores que fazem disparar as necessidades de gâmetas nos Bancos Públicos e privados. É um facto que a pandemia fez diminuir a oferta, tanto de homens como de mulheres, conforme o Diário de Coimbra noticiou esta semana, mas o aumento da procura está em crescendo, o que coloca novos desafios e obrigará ao desenvolvimento de novas campanhas.

Admitindo a «escassez brutal de gâmetas» para dar resposta a casais inférteis, Margarida Silvestre, docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, reconhece que o problema não está apenas do lado da diminuição da oferta. «Também começa a haver cada vez mais procura», afirmou ontem a médica e professora de ética médica, à margem do workshop "(In)Fertilidade: Integração de conhecimentos para a atividade do Psicólogo", promovido pela Associação Portuguesa de Fertilidade (APFertilidade), reconhecendo que hoje não são apenas os casais heterossexuais inférteis que recorrem aos Bancos Públicos de Gâmetas. «Há



Margarida Silvestre diz que problema não está apenas na oferta mas no aumento da procura

menopausas precoces, há procura de tratamentos em idade mais avançada», afirmou, reconhecendo que há famílias monoparentais e homoparentais que precisam de óvulos ou espermatozoides para a procriação medicamente assistida.

A espera por gâmetas é atualmente superior a três anos, o que faz com que o limite de idade para aceder seja colocado em causa. Margarida Silvestre reconhece que esse é um «problema de justiça» e que com tão elevados tempos de espera, há

casais – os que têm condição para isso – que se veem obrigados a recorrer ao banco privado.

Paralelamente coloca-se ainda o problema da falta de efetividade. É que, podendo uma mulher fazer quatro doa-

ções com intervalo de três meses em toda a sua vida e o homem podendo dar origem nas suas dâdivas ao máximo de oito crianças, a verdade é que os dadores acabam por sê-lo apenas uma vez. E há ainda a questão do anonimato «que nunca está resolvida» e que «é hoje em dia um não assunto».

«Temos de avançar mais com as campanhas, que trazem picos de afluência», defende a médica, certa que a divulgação é «importante para chegar aos mais novos». Diz que no caso de Coimbra, onde existe um dos três bancos públicos do país, muitas das dadoras são «estudantes universitárias».

Margarida Silvestre falou também dos embriões excedentários, que nunca chegam a ser implementados no útero após fecundação, que devem ser considerados um «efeito colateral negativo da PMA, não desejado e não um objetivo deliberadamente procurado». O destino pode ser a sua destruição, a doação a outros casais ou a doação para investigação científica. Segundos os últimos dados, até dezembro de 2021, havia em Portugal 46.138 embriões criopreservados e, num período de 10 anos, entre 2009 e 2018, foram destruídos em Portugal 25.516 embriões excedentários resultantes de tratamentos de infertilidade.

## Lei corre risco "enorme" de ser declarada inconstitucional

Rafael Vale e Reis, docente da Faculdade de Direito da UC (FDUC), diz que a lei da Procriação Medicamente Assistida (PMA) tem risco «enorme» de ser «declarada inconstitucional». «Há um conjunto de aspetos na lei que são muito dúbios e cin-

zentos», afirmou na sessão em que foi convidado a falar sobre em que ponto está a lei da PMA. Para o docente, a lei não dá todas as respostas e coloca muitas dúvidas. Uma mulher casada precisa de consentimento para a PMA? Pode uma mulher ca-

sada recorrer à PMA com outro que não o cônjuge? Pode um transgénero que tem útero ser beneficiário de PMA? Há acesso à PMA por casais homossexuais masculinos? Há ainda a questão do anonimato do dador, que nunca existe em absoluto. <

# Enfermeiros alinham sintonia profissional

**Team building** Enfermeiros de saúde materna e obstétrica tocaram violino e reforçaram laços profissionais.

Uns ensinam enfermeiros, outros trabalham nos centros de saúde e outros nas maternidades e hospital. No dia-a-dia atarefado nem sempre há tempo para conversas e partilhas, mas trabalham unidos pela Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica. Ontem à tarde, no Seminário Maior de Coimbra,



Enfermeiros tocaram violino numa "orquestra" improvisada

com ajuda da professora Rita Mendes, pegaram em violinos mesmo sem perceber de música e formaram uma orquestra improvisada, numa ação de team building que os ajuda a robustecer laços pessoais e profissionais.

Com 38 inscritos, a esmagadora maioria enfermeiras, a iniciativa foi organizada pela Rede ESMO - Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica, que junta Agrupamento de Centros de Saúde (ACES) do Baixo Mondego, Departamento de Gine-

ecologia, Obstetria, Reprodução e Neonatologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, ontem representados, respectivamente por Amélia Cunha, Arménia Pratas e Maria Neto Leitão. Fortalecer a relação humana é aqui parte de uma estratégia de partilha - na informação, na formação e na investigação - com vista a uma maior uniformização e articulação na prestação de cuidados a mulheres, grávidas ou parturientes. <